

METODISMO: EXPERIÊNCIA, ORIGEM E SUA LUTA PELA ABOLIÇÃO DO ESCRAVISMO NO SÉCULO XVIII¹

Dierxedes Venâncio Martins²

Resumo

O metodismo foi um importante vínculo no confronto de lutas sociais e na abolição da escravatura no século XVIII. Depois de Aldersgate, a experiência mudou mais do que apenas um estado espiritual na vida de Wesley. Foi uma experiência que não se isolou na *metafísica*, mas o inspirou para que houvesse mudanças também em seu chão e tempo, principalmente que se manifestasse no embate a favor dos menos favorecidos. Uma voz que clamou no deserto de sombria antipatia social, quando a imagem de um ser humano era alienada ao poderio de um dono, que passava a exercer um domínio que só findava pelo descanso da morte.

Palavras Chave

Metodismo; Experiência; Escravismo; Abolição.

INTRODUÇÃO

O movimento metodista liderado por Wesley tornou-se participante de muitas mudanças na Inglaterra no século XVIII. Transições que foram desde uma transformação no cenário de apatia e frieza no qual a Igreja Anglicana estava inserida, ao profetismo denunciante das situações de miséria e fome, na busca por condições melhores e igualitárias para as classes baixas.

O metodismo foi capaz de criar importantes articulações na causa abolicionista, na promoção de acesso à educação para crianças pobres, trabalhou pela dignidade dos que estavam nas ruas afundados em vícios como alcoolismo. Buscou por melhores condições aos operários e carvoeiros que durante o período da revolução industrial viram seus empregos findar. Quando não, para mantê-los eram postos em condições desumanas de trabalho. Como Outler definiu,

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de Artigo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia da Faculdade Unida de Vitória no ano de 2019, sob orientação do professor José Adriano Filho.

² Graduando do Curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo.

Wesley foi o “teólogo popular”,³ que construiu seu saber teológico a partir do sofrimento destas pessoas, para provocar mudanças.

1. CONTEXTO SOCIAL EM QUE SURGE O METODISMO

O metodismo surgiu no século XVIII com os operários ou os também conhecidos trabalhadores de chão de fábrica,⁴ em um período de caos social e de extrema apatia da Igreja Anglicana (igreja oficial da Inglaterra), frente aos problemas sociais que estavam instalados ao seu entorno. Rieger, percebe traços semelhantes entre o metodismo e o cristianismo primitivo, quando fala de sua oposição aos problemas sociais de seu tempo, dizendo: “Todavia, como o cristianismo antigo, o metodismo tinha um aspecto radical que não podia ser facilmente assimilado pelo império: os primeiros metodistas eram considerados como “perturbadores do mundo”.⁵ Pressupõe-se nas palavras de Rieger, que o metodismo se tornou uma importante voz diante do contexto de injustiça social que percorria o século XVIII e que se instaura desde o século anterior.

A Igreja Anglicana parecia também viver em um caos eclesiástico e de valores cristãos iguais ou comparáveis aos sócios-econômicos que manifestavam-se ao seu entorno, pois, quem deveria rebelar-se ou opor-se contrária as mazelas de injustiças sociais que se atinham em benefício de lucros e riquezas aos mais poderosos, lutar pelos trabalhadores que prestavam-se a longas horas de trabalho e condições insalubres, demonstrou-se conivente ou ao menos, apática mediante essas situações.⁶

Os metodistas, pareciam ter assumido como causa própria o pobre e as suas lutas em plena omissão da igreja inglesa. Sobre a omissão do anglicanismo e sua aliança com os poderosos, Rieger, relata como Wesley via esta postura, dizendo: “Há um problema [...] quando a religião trabalha próximo deste poder do topo para baixo. ”⁷

Para Wesley, enquanto a igreja enxergasse sempre de cima para baixo, estaria sempre em uma posição desigual e distante dos que realmente precisavam. Por isso, Wesley propõe

³ OUTLER, 1977 apud RIEGER, Joerg. *Graça Libertadora: como o metodismo pode se envolver no século vinte e um*. Tradução de Elizangela A. Soares. São Bernardo do Campo: Editeo, 2015, p. 23.

⁴ RIEGER, Joerg. *Graça sob pressão: negociando o coração das tradições metodistas*. Tradução de Felipe Maia. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012, p. 21.

⁵ RIEGER, 2012, p. 72.

⁶ OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Teologia Social do Metodismo Brasileiro: Análise dos Pressupostos Históricos e Teológicos do Documento do Credo Social*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011, p. 27. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/19661/19661_1.PDF>. Acesso em: 27 ago. 2019.

⁷ RIEGER, 2012, p. 68.

uma alternativa depois de sua crítica, que é: “[...] Uma religião que se movimenta de baixo para cima”,⁸ ou seja, que esteja mais próxima dos pobres e que percebam suas demandas.

1.1.AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E A PRECARIIDADE.

A Europa está em plena revolução industrial e isso fez induzir que muitos deixassem suas áreas de trabalho que basicamente se resumia na agricultura. A maioria da população neste cenário, eram camponeses, pessoas do campo habituadas a vida pacata da agricultura. Donato registra “que essa população agrária, era grande maioria até o ano de 1851, onde quase todo trabalho era no campo, por isso, quase 90% da população era rural.”⁹

A maioria desses trabalhadores foram sujeitos a condições precárias de trabalho e de insalubridade. Mediante as condições dos trabalhos que eram ofertados tanto na indústria, quanto nas minas de carvão, e em outros setores da economia inglesa. “Nas minas de carvão, os carvoeiros trabalhavam em situações precárias, em ambientes úmidos, quentes e sufocantes, em média quatorze horas por dia.”¹⁰ Os tecelões durante a revolução industrial, viram suas funções que eram feitas artesanalmente serem substituídas por máquinas, gerando assim o desemprego, fazendo crescer uma população mergulhada em vícios. Os que ainda trabalhavam na indústria, eram submetidos ao serviço desgastante e subumano, como uma espécie de corrida pelo emprego. Engels registra essa labuta dizendo: “um tecelão tinha que trabalhar de 14 a 18 horas por dia para ter o necessário para se alimentar precariamente com sua família”.¹¹

1.2.OS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO.

A inacessibilidade à educação por parte da população de classe pobre, negra e operária, é algo lamentável enfrentado pelo movimento metodista no século XVIII. A escola e a alfabetização eram algo de direito apenas aos ricos, aos filhos e filhas de uma classe elitista, enquanto os filhos e filhas de um camponês, não tinham o direito de estudar por não ter como

⁸ RIEGER, 2015, p. 17.

⁹ DONATO, Ronald Gripp. *Susana Wesley e sua influência na vida de John Wesley*. Muriaé – MG: O autor. 2012, p. 3.

¹⁰ REILY, 1981 apud OLIVEIRA, 2011, p. 32.

¹¹ ENGELS, 1845 apud OLIVEIRA, 2011, p. 32.

suprir com as altas taxas das escolas particulares. Por conta disto, a alfabetização na escola e o ensino que poderia definir um futuro, era trocado pelo serviço do campo, para que assim, contribuísse com o sustento de sua família.¹²

Wesley no tratado com questões como analfabetismo e o cuidado das crianças, advertiu seus pregadores certa vez, dizendo-os: “Gastem uma hora a cada semana com as crianças de todas as cidades, se quiserem ou não. Conversem com elas cada vez que vos encontrardes com elas em suas casas. Orai sinceramente por elas”. E ainda, tratando sobre a importância da educação, afirma: “Os metodistas poderão ser pobres, mas não há necessidade de que eles sejam ignorantes”.¹³

Wesley foi um importante defensor da educação e os direitos igualitários independente de quem fosse. Rompendo assim, com as barreiras que limitavam o pobre, o negro, e operário das classes elitizadas. Sobre isso Rieger escreve: “O metodismo transgrediu fronteiras estabelecidas entre clérigos e leigos, jovens e velhos, ricos e pobres, educados e não educados”.

14

1.3. APATIA E OMISSÃO DA IGREJA.

Além dos problemas de injustiça social, preconceito racial, segregação da classe operária e pobre, alcoolismo, analfabetismo e uma série de outras questões que caracterizavam nitidamente o cenário de degradação humana, a Inglaterra estava absorvida em um declínio não apenas de valores morais e sociais, mas também em uma verdadeira apatia religiosa. A Igreja Anglicana em que o João Wesley serviu e que sua família fazia parte, demonstrou-se ao longo deste processo, completamente inerte. A família Wesley sofreu retaliações em uma cidade rural chamada Epworth, no qual o Reverendo Samuel Wesley, sua esposa Susana Wesley e seus quinze filhos, serviram por significativamente trinta e nove anos. Nesta mesma cidade, tiveram sua casa incendiada pelos moradores ao redor, por verem que o reverendo Samuel, compactuava com governo e isso, era transmitido em seus sermões. Algo que não foi bem avaliado pelos vizinhos e que trouxe como resposta, o incêndio criminoso da casa que quase custou a vida de João Wesley e lhe rendeu o apelido de *tichão tirado do fogo*.¹⁵

¹² REILY, Duncan Alexander. *O fundador do metodismo*. Imprensa Metodista, 2013. Disponível em: <http://www.metodista.org.br/john-wesley> >. Acessado em 27 ago. 2019.

¹³ DONATO, 2012, p. 78.

¹⁴ RIEGER, 2012, p. 73.

¹⁵ DONATO, 2012, p. 3.

Durante uma visita feita à Inglaterra pelo filósofo Francês Montesquieu ele declarou, “não há religião na Inglaterra”,¹⁶ e sua declaração revela a insignificância que a principal igreja tinha em meio ao povo inglês durante o século que acende o metodismo. Montesquieu, ainda declara: “[...] Na França dizem que eu tenho pouca religião, e na, Inglaterra, a possuo demais”.¹⁷ Uma dura crítica, que revela a apatia religiosa do anglicanismo.

1.4. ALCOOLISMO E MAZELAS SOCIAIS.

Se não existe eficiência da igreja e ela não consegue trazer dignidade com o evangelho a vida das pessoas, cada vez mais estabelecia pelas ruas da cidade, verdadeiras mazelas e crescia o número dos viciados em alcoolismo, que amanheciam pelas ruas de Londres ébrios, um problema social que só crescia por conta do desemprego.¹⁸

As mazelas sociais que estavam instauradas pela Inglaterra durante os séculos XVII e XVIII, são em grande parte, fruto de desemprego, abandono e degradação do ser humano, que quando não há o desemprego, no outro extremo há escravagismo disfarçado de emprego, com trabalho insalubre em que na maioria das vezes somavam-se em carvoarias em condições indizíveis. Sobre essas condições, afirma-se: “Havia grande número de viciados, especialmente de alcoólicos. O povo estava frustrado e desiludido”.¹⁹

2. EXPERIÊNCIA E MUDANÇAS DE PARADIGMAS DE JOÃO WESLEY

A experiência de João Wesley e sua mudança de paradigma, comparada com a narrativa de Atos dos Apóstolos capítulo 22, 1- 21, a conversão do apóstolo Paulo, serve como pano de fundo para entendermos as mudanças que ocorrem com Wesley após sua experiência em Aldersgate. Charles Wesley, seu irmão, em uma carta para sua mãe Susana Wesley, diz que: “não eram verdadeiramente cristãos antes da experiência”. Colocando assim, a experiência vivida por ele e seu irmão, como ponto de partida de uma conversão legítima.²⁰

¹⁶ MONTESQUIEU, apud LILIÈVRE, Mateo. *João Wesley: sua vida e obra*. São Paulo: Vida, 1997, p. 11.

¹⁷ OLIVEIRA, 2011, p. 29.

¹⁸ OLIVEIRA, 2011, p. 31.

¹⁹ REILY, 2013 apud OLIVEIRA, 2011, p. 28.

²⁰ DONATO, 2012, p. 77.

De fato, os rastros que surgiram após a experiência extática de João Wesley e as perceptíveis mudanças de paradigmas frente a um modelo religioso que lhe era comum, mudaram drasticamente. Tão drásticas foram as mudanças que geraram notáveis problemas com o clérigo anglicano. Um bispo anglicano, chegou a questionar a respeito da autoridade de Wesley como pregador: “Eu (o bispo) desconheço sua ordenação para pregar de um lado para outro, fazendo a obra de um evangelista itinerante”.²¹ O que demonstra já existir um descontentamento com Wesley e o que estava pregando.

O próprio Wesley em seu diário, faz subentender que essa mudança que teria ocorrido quatro dias antes (24/05/1738 data da experiência), trouxe uma possível novidade hermenêutica na compreensão bíblica ou mesmo na sua compreensão dos dogmas anglicanos. Sobre essa experiência, Wesley conta que em um domingo, registrado com a data de 28/05 de 1738, ainda no calor da experiência, pregou em duas capelas, uma de manhã e outra à tarde:

Hoje, preguei de manhã na igreja St. George, Bloomsbury, sobre: “Esta é a vitória que vence o mundo, nossa fé” (I João 5.4) e, à tarde, na capela Long-Acre, sobre a justificação de Deus para com o descrente – a última vez (eu entendo) que prego em ambas. “Que não seja como eu quero, mas como tu desejas.”²²

Ao final das palavras de Wesley em seu diário, é possível que se identifique um eventual descontentamento que despontara posterior as suas pregações nas duas igrejas, o que conseqüentemente seria um motivo para um não retorno a estas comunidades de fé. Certo é, que Wesley aparenta já estar ciente de que sua compreensão bíblica, já não mais parecia afinar-se ao anglicanismo, como declara Ensley ao dizer:

Usando uma figura grosseira, Aldersgate foi para a carreira de Wesley, o que o a casa de máquinas significa para uma locomotiva. Ela marca o fim de uma viagem e o início de outra. Durante a volta, a pessoa percorre o mesmo território, para nas mesmas estações, é acompanhado das mesmas pessoas, no entanto, tudo é diferente, porque as paisagens anteriores são vistas sob nova perspectiva, devido à mudança de direção. À medida que Aldersgate se perdia no tempo, parecia ter menos significado para Wesley. Mas esse acontecimento marcou o início do fim da religião legalista, da frieza emocional e do orgulho enfadonho, frente à crescente satisfação da fé que age pelo amor. Foi uma experiência verdadeiramente redentora – em nível de Wesley.²³

Ensley destaca que esta experiência vivida por Wesley, seria como um passeio que trilharia os mesmos caminhos, as mesmas estações, porém, ressalva que seria de uma nova

²¹ ENSLEY, Francis Gerald. *João Wesley, o evangelista*. Tradução de Osvaldo Ramos. São Paulo: Imprensa Metodista, 1992, p. 23.

²² WESLEY, John. *O diário de John Wesley*. São Bernardo: Editeo, 2017, p. 82.

²³ ENSLEY, 1992, p. 22.

prospecção. Essa redescoberta vivida por Wesley, aproxima-se de uma reforma teológica ou mesmo de um repensar de sua vida cristã.

2.1. ALDERSGATE E DAMASCO

A experiência que hoje é conhecida pelo povo metodista como *coração aquecido*,²⁴ é responsável por uma novidade espiritual e missionária que fora vivida por Wesley desde o seu acontecimento. Nas palavras de Ensley, baseada em um dito grego: “Dá-me um fulcro onde firmar minha alavanca e moverei o mundo”, ele diz que: “A experiência da redenção foi o fulcro de Wesley”.²⁵ Ensley certamente considera que a experiência vivida por Wesley, impulsionou-o a uma nova e distinta até então para o reverendo anglicano tradicional, perspectiva da fé. O que significa, uma experiência transformadora que impactaria não só Wesley, mas resultaria em grandes resultados para além dele mesmo.

Por afirmações como essa, é que podemos evidenciar traços semelhantes entre a experiência de Aldersgate e o caminho de Damasco, se comparado os seus resultados e impacto na vida dos que viveram suas experiências e como elas serviram como *fulcro*²⁶ para transformação dos conceitos de Paulo e João Wesley. Ensley, afirma dizendo: “O dia da experiência de Aldersgate, que consideramos a data do início do Metodismo, é uma continuação do momento em que Isaías sentiu-se transformado e do instante que Paulo teve o encontro significativo na estrada de Damasco”.²⁷

As leituras que fazemos de João Wesley *priori*²⁸ a experiência, é de um religioso e piedoso, da geração de uma família pastoral que fora criado rigorosamente dentro da igreja e é talvez por esta criação dentro da igreja, inclusive nas casas pastorais destas igrejas pastoreadas pelo seu pai o reverendo Samuel Wesley, que quando Charles Wesley escreve para sua mãe contando sobre a experiência que tinham vivido e da então conversão genuína que estavam provando, Susana em resposta, escreve-os dizendo:

Eu acho que você caiu em uma estranha forma de pensar. Vocês (Charles e John) dizem que até poucos meses vocês não tinham vida espiritual, nem qualquer justificação pela fé. Agora, isso é como se um homem pudesse afirmar que ele não estava vivo em sua infância, porque quando era bebê não sabia que estava vivo. O que

²⁴ *Como é conhecida a experiência de John Wesley*

²⁵ ENSLEY, 1992, p. 24.

²⁶ *Ponto de apoio; base; sustentáculo.*

²⁷ ENSLEY, 1992, p. 20

²⁸ *Antes da experiência.*

entender de sua carta é que até a pouco, você não estava satisfeito em ser um cristão como você está agora.²⁹

O que parece neste trecho da carta de Susana Wesley, enviada aos filhos em resposta à carta de Charles, é que ela discorde desta afirmação de que agora, somente agora, eles estariam vivendo uma *nova* ou talvez, a *única* conversão. Mas, fato é, que só depois desta experiência de Aldersgate, é que algumas coisas relacionadas ao próprio Cristo e a salvação, começam a ser esclarecidas ao reverendo de lar cristão.

Sobre este acontecimento e a nova perspectiva que se desencadeia em Wesley após a experiência de Aldersgate, Ensley afirma que: “[...] Wesley redescobriu a redenção bíblica. Isto é verdade, porque a noção de redenção tinha se evaporado do Cristianismo do século XVIII”,³⁰ o que pressupõe que haja uma crise teológica na igreja anglicana e que a Inglaterra esteja em uma crise espiritual, da qual Ensley afirma: “Wesley mudou o clima espiritual da Inglaterra. Quando surgiu em cena, a Bretanha estava nas garras de uma Idade do Gelo, mais conhecida na história como a Idade da Razão”.³¹

Aldersgate marca um reinício para João Wesley, é de fato, um *reset*³² de todos os passos que o reverendo anglicano tinha dado ante então. Antes mesmo do dia de sua experiência, Wesley já estava convencido de que precisava de algo mais do que já tinha vivido até agora:

Novamente, eu não sabia que estava invalidando completamente essa fé, eu apenas pensava que não tinha suficiente dela. Então, quando Peter Böhler, que Deus preparou para mim, tão logo cheguei em Londres, falou sobre a fé verdadeira em Cristo, (a qual é a única) e que tinha dois frutos inseparáveis: “Domínio sobre o pecado, e constante Paz pela consciência do perdão”, eu fiquei completamente pasmo e olhei isto como um novo Evangelho. Se fosse assim, estava claro que eu não tinha fé.³³

Peter Böhler é um bispo da Morávia que é citado por João Wesley em seu diário e aparece em vários registros das suas anotações, como uma espécie de conselheiro que o ajudou a entender o que João Wesley classificou como novo evangelho. Uma afirmação que serve para que observemos que Aldersgate é apenas o ápice de uma mudança, que já vinha sendo alarmada no coração de Wesley, desde a experiência ocorrida em janeiro de 1738 quando o navio em que regressava para a Inglaterra é açoitado pelo mar. Na sua experiência dramática com o navio e o medo apavorante da morte, o fez repensar se realmente estava convicto de sua salvação e

²⁹ DONATO, 2012, p. 77.

³⁰ ENSLEY, 1992, p. 20.

³¹ ENSLEY, 1992, p. 15.

³² *Palavra do inglês que significa “Reestabelecer”.*

³³ WESLEY, 2017, p. 78.

como na citação acima dita em seu diário, Wesley de fato precisava repensar sua fé, pois, depois de ouvir tantos conselhos de Peter Böhler, chegou à conclusão de que não tinha nem mesmo fé.

Wesley tinha a concepção de um Deus indiferente e distante, para além do homem e quase inalcançável, que só se aproximou dele e o mostrou verdadeiramente uma paz e gozo que não lhe era sentido ainda. Após a sua experiência em Aldersgate, esta concepção que era vista por Wesley era pregada. Como afirma Ensley, dizendo: “A religião tradicional ensinava que Cristo havia realizado uma grande obra por nós [...]”. Após sua experiência em Aldersgate, parece que o ardor que queimou no seu coração, serviu para também esclarecer-lhe acerca desta graça da qual ouvia falar na leitura da introdução da Carta de Paulo aos Romanos, escrita por Lutero, mas que ainda não conhecia: “[...] Wesley revelou o que Cristo pode fazer em nós”.³⁴

2.2.A EXPERIÊNCIA E OS SEUS FRUTOS

Existe um João Wesley antes da experiência de Aldersgate e ao que indica, outro João Wesley após a experiência de Aldersgate e posso afirmar algo como isso, devido aos frutos que surgiram após a experiência que ele viveu em vinte e quatro de maio de mil setecentos e trinta e oito (24/05/1738). Desta data em diante, uma verdadeira e legítima revolução espiritual tomou conta da vida do reverendo anglicano: “O encontro místico em Aldersgate preparou-o para compreender simpaticamente as experiências de seus seguidores incultos, cujas relações com Deus ficavam quase sempre em níveis baixíssimos”.³⁵ Wesley após essa experiência dedicou a sua vida a Deus, como ainda não tinha feito elevando-se para um nível de aproximação mais íntima com Deus.

Esta aproximação que Wesley sentiu ter tido a partir de sua experiência, o fez se doar inteiramente como um arauto por toda Inglaterra pregando e quando questionado por um bispo de Londres por suas credenciais, Wesley responde:

Pelos frutos conhecerei... a nuvem de testemunhos, que a este tempo experimenta o evangelho que prego, o evangelho que é o poder de Deus para a salvação. O beberrão habitual de antes é agora temperado em todas as coisas. O libertino agora foge da fornicação. O que roubava, não rouba mais, mas trabalha com suas próprias mãos. Aquele que blasfemava ou jurava, talvez em cada sentença, aprendeu agora a servir ao Senhor e a regozijar-se nele com reverência. Aqueles antes escravizados a vários hábitos pecaminosos foram trazidos novos hábitos de santidade. Estes fatos são demonstráveis. Posso citar os nomes destes homens e seus respectivos endereços.³⁶

³⁴ ENSLEY, 1992, p. 24.

³⁵ ENSLEY, 1992, p. 23.

³⁶ ENSLEY, 1992, p. 25.

A resposta de Wesley ao bispo de Londres, é um forte apelo aos frutos de uma verdadeira revolução espiritual da qual ele foi protagonista na Inglaterra. Os frutos de Aldersgate ainda hoje são colhidos em várias partes do mundo e inclusive, no Brasil.

As perspectivas sobre a fé e as novas hermenêuticas que Wesley adotou após a experiência que viveu, agora falava de uma graça universal: “Que Cristo morreu por todas as pessoas e que todos são livres para aceitar esta salvação,”³⁷ e com este discurso evangelístico, Wesley percorreu vários lugares montado a cavalo pregando o evangelho e quando tentaram impedi-lo de pregar nas igrejas, afirmou sua tão famosa frase: “O mundo é minha paróquia”. Essa frase ecoa como uma trombeta que anuncia a entrada de um arauto que fez ressoar em toda Inglaterra um evangelho capaz de transformações na vida do mais miserável homem.

3. JOÃO WESLEY E AS LUTAS ABOLICIONISTAS

A experiência de Wesley em Aldersgate, não se resumiu apenas em um pregador inflamado, que incendiou a Inglaterra no século XVIII e ao longo deste artigo, já percebemos que o metodismo não era isolado em si mesmo, mas um movimento engajado em causas sociais. Perceberemos como o metodismo liderado por Wesley, foi capaz de transcender os limites de um movimento religioso tornando-se um importante aliado nas lutas abolicionistas, de grandes contribuições públicas, como conclui Renders:

[...] Wesley investia naquilo que nós chamamos hoje de “presença pública”, e que ele compreendia esta presença como interação da igreja com outras instituições em prol da sociedade e do seu bem comum. Em primeiro lugar, Wesley não defende aqui os interesses da igreja ou, mais precisamente, de um movimento religioso dentro da igreja, mas sim, os interesses da humanidade, que ele considera de interesse da igreja e do movimento liderado por ele.³⁸

O primeiro contato com a triste realidade da escravidão e suas terríveis marcas, só foram vistas pessoalmente por Wesley na Geórgia, enquanto esteve por lá como missionário de 1735 até 1737, período em que nesta colônia, a escravidão era considerada ilegal, mas ainda assim, Renders relata que: “fazendeiros procuravam por trabalho escravo em colônias vizinhas, em especial na Carolina.”³⁹

³⁷ ENSLEY, 1992, p. 43.

³⁸ RENDERS, Helmut. *John Wesley e a luta abolicionista*: com edição bilíngue dos seus pensamentos sobre escravidão. 1. ed. São Paulo: Aste, 2019, p. 84.

³⁹ RENDERS, 2019, p. 22-23.

O metodismo não foi o principiador desta luta abolicionista, ela já vinha desde o século XVII, em que se tem notícia de alguns movimentos que vão contrários a escravidão e que buscavam pelo fim desta terrível prática. Os primeiros contestadores no século XVII engajados nas causas abolicionistas, são Richard Baxter e Jorge Fox. Ademais a partir dos textos de Baxter, o reverendo Samuel Wesley escreveu sobre o *roubo, tráfico e a posse de escravos* em 1692.⁴⁰ Já no século XVIII, os franceses são os primeiros a começarem as inter-relações que requestavam pelo fim da escravidão com Charles-Louis de Secondat (ou de Montesquieu) em sua obra *O espírito das leis* de 1748, conhecida por Wesley através de Antoine Bénézet.⁴¹

Desde então, as reações por parte do metodista João Wesley ao escravismo, começam a partir de suas *notas explicativas sobre o Novo Testamento* em 1756, onde reascende o assunto da escravidão, a partir de uma hermenêutica que Wesley faz do texto de I Timóteo 1.10:

1 Tm 1.10: *roubadores de homens* – Os piores de todos ladrões, em comparação com quais os assaltantes nas rodovias ou os ladrões que invadem as casas devem ser considerados inocentes! O que, então, são a maioria dos comerciantes de negros, os procuradores de servos para América, e todos os outros que listam soldados por mentiras, truques, ou tentações?⁴²

Renders a partir desta hermenêutica do texto de I Timóteo 1.10 feita por Wesley, identifica ao que ele chama de “uma boa dose de crítica social, ”⁴³ ao correlacionar as queixas que eram feitas de roubos de casas e carruagens, mas não se queixava de um crime ainda mais grave que era a escravatura, da qual os comerciantes beneficiavam-se de seus sórdidos lucros. Também identifica traços do que seria uma releitura dos textos de Richard Baxter, nas suas qualificações acerca dos que alimentavam-se da prática escravista chamando-os de “piores de todos os ladrões” e “um dos piores tipos de ladrões do mundo” como uma forma de descrever que a escravidão seria ainda mais trágica que roubos de casas e carruagens. Para Renders, pode-se enxergar ainda traços familiares da escrita de Wesley com as do pai que demonstram que ele tinha conhecimento do texto. Porém, atualiza-o aos seus dias, afirmando: “John Wesley retoma a ideia, mas, [...] usa outros exemplos”.⁴⁴ O que coloca Wesley relendo a obra de Samuel Wesley e contextualizando-a ao seu modo e ao seu tempo.

⁴⁰ RENDERS, 2019, p. 22.

⁴¹ RENDERS, 2019, p. 25.

⁴² RENDERS, 2019, p. 23.

⁴³ RENDERS, 2019, p. 24.

⁴⁴ RENDERS, 2019, p. 24.

3.1.OS PRIMEIROS PASSOS DA SOCIEDADE ABOLICIONISTA

A causa antiescravagista é assumida por Wesley coincidentemente durante o julgamento do escravo James Somerst, fugitivo da Virgínia, em 1772 julgado pelo Lord Mansfield. No mês do julgamento, em 12 de junho de 1772, começa uma interação e troca de cartas entre Antoine Bénézet, Granville Sharp e João Wesley, no qual seria os primeiros passos da estruturação de uma sociedade abolicionista.⁴⁵

Wesley foi influenciado a seguir a causa, depois de ter lido várias coisas acerca da escravidão, dos mesmos que agora troca cartas alinhavando ainda mais os laços desta causa que receberia outros reforços pela frente. Um dos textos que ele declara ter tido grande parcela em sua influência na causa abolicionista, é o texto que leu de Bénézet:

No retorno li uma obra bem diferente, publicada por um Quaker honesto, que tratava do execrável resumo de todas as vilanias, comumente chamada tráfico de escravos. Não tinha lido nada igual no mundo pagão, seja da antiguidade ou modernidade; e ela excede infinitamente qualquer instância de barbárie que escravos cristãos já sofreram em países muçulmanos.⁴⁶

Mesmo com a experiência direta que teve nas colônias da Geórgia com a escravização, os olhos de Wesley são abertos após as leituras dos textos de Bénézet e Sharp que o provoca assumir a causa abolicionista e resulta dois anos depois em 1774, a publicação de seus *Pensamentos sobre a escravidão* apoiado nas obras de Bénézet de 1662.

A literatura foi a principal estratégia de confronto utilizada pelo grupo. Neste primeiro momento da batalha, é percebida em um trecho que Bénézet comenta para Sharp, que Wesley tinha proposto um tratado semanal, em plena ocasião do julgamento de Somerset: “Meu amigo John Wesley promete consultar você sobre a conveniência de alguma publicação semanal sobre origem, a natureza e os efeitos terríveis do comércio de escravos”.⁴⁷ Embora não consiga evidenciar que de fato tenha existido ou tenham posto em prática esta coluna semanal sobre a escravidão, Wesley publica em seu jornal *Arminian Magazine* em 1783, cerca de 29 (vinte e nove) matérias que tratariam da: “[d] a origem, [d] a natureza e [d] os efeitos terríveis do comércio de escravos”.⁴⁸

A mobilização em torno da escravidão tornou-se cada vez mais forte, recebendo outro importante e forte aliado o cirurgião e sacerdote anglicano, James Ramsay, que teria trabalhado

⁴⁵ RENDERS, 2019, p. 27.

⁴⁶ RENDERS, 2019, p. 27 – 28.

⁴⁷ CAREY, 2003 apud RENDERS, 2019, p. 28.

⁴⁸ RENDERS, 2019, p. 29.

entre os escravos no Caribe de 1762 até 1777 e podia descrever como ninguém por suas contribuições pessoais para entender os problemas que se estabeleciam por meio da servidão. Ramsey deu também sua contribuição na literatura acerca do escravismo escrevendo a partir de sua experiência pessoal, em 1784, a obra *Um ensaio sobre o tratamento e a conversão e escravos africanos nas colônias britânicas do açúcar*.⁴⁹ Oficialmente a *Sociedade a favor da abolição do tráfico de escravos* foi fundada em 22 de maio de 1787 com a composição de oito Quakers e três Anglicanos, entre eles, Clarkson, Sharp e Wesley.⁵⁰

3.2.A POLÍTICA NA CAUSA ABOLICIONISTA

O comprometimento na causa libertadora, por sua vez vinha tomando força pelos escritos que circulavam por toda Inglaterra. Os tratados de Sharp, Bénézet, Ramsey e Wesley, faziam com que progressivamente mais pessoas se interessavam em fazer parte desta luta, que ganha pessoas como Thomas Clarkson e Willian Wilberforce.⁵¹ Wilberforce ingressou na política em 1782 e foi o importante ponta pé, para levar esta discussão abolicionista para esferas políticas e lutar pela mudança das leis que mesmo com a afirmação do Lord Mansfield em 22 junho de 1772 que declarou: “a escravidão no território da Inglaterra ilegítima”,⁵² haviam nítidas ações da escravidão que a mantinham cada vez mais *legítima*.

Pela primeira Wilberforce, pronuncia-se no parlamento sobre o tráfico de escravos em 12 de maio de 1789, logo depois de ter tido um encontro pessoalmente com Wesley três meses antes e isso pode nos revelar talvez, alguma influência do líder metodista no encorajamento na luta contra a escravaria.⁵³

Ganhar alguém nas esferas políticas para pleitear no confronto da causa escravista, é uma conquista muito significativa para a sociedade, pois, sabiam que não estavam lutando com pessoas de baixa ou nenhuma influência pública e sim, com poderosos que lucravam com esse mercado. Por isso o embate deste terrível e abominável problema, não seria algo fácil de ser feito e Wesley reconhece isso e por mais de uma vez, ressalta que esta peleja resultaria em uma ferrenha batalha contra poderosos, que poderiam inclusive, tentar silenciar essas denúncias a todo custo. Renders fala desta certeza que Wesley tinha, em saber com quem estava mexendo

⁴⁹ RENDERS, 2019, p. 29.

⁵⁰ RENDERS, 2019, p. 31.

⁵¹ RENDERS, 2019, p. 29.

⁵² RENDERS, 2019, p. 27.

⁵³ RENDERS, 2019, p. 31.

e que isso reascenderia respostas: “Wesley sabia com quem ele estava lidando e quem ele acabou de despertar e irritar”.⁵⁴

Em uma carta endereçada para Granville Sharpe, remetida de Londres, datada de 11 de outubro de 1787, ele adverte sobre as possíveis estratégias desta batalha contra os poderosos:

[...] considerando a oposição que você terá que enfrentar, todo tipo de oposição possível por homens que “não são incumbidos de qualquer honra, consciência ou humanidade” e que farão pressão por todos os meios a seu alcance, *fasque nefasque*⁵⁵, para salvar o seu grande deus, o lucro. Enquanto eles são obcecados neste ponto, não pouparão dinheiro para levar adiante a sua causa, e isso pesa para a maioria das pessoas mais do que milhares de argumentos.⁵⁶

Wesley é alguém de vasta experiência em lutas sociais e sabe que por trás de todas essas mazelas, até mesmo da escravidão, existem poderosos que obtêm lucros a partir do sofrimento alheio e que estariam dispostos a todo tipo de ataque para defenderem seus lucros como este mercado. Certo destas retaliações vindouras, o próprio Wesley experimentou dela quando foi pregar um sermão contra a escravidão em 1788, na sociedade metodista em Bristol:

Mais ou menos depois da metade do discurso, enquanto todos ainda mostraram apesar da hora avançada muita atenção, surgiu de repente um barulho veemente e disparou como um raio através de toda congregação. Ninguém podia dizer de onde vinha e o terror e a confusão foram inexprimíveis. Parecia uma cidade tomada pela tempestade. As pessoas caíam uma sobre as outras com extrema violência, os bancos foram quebrados em pedaços e noventa por cento da congregação pareciam paralisados pelo pânico.⁵⁷

Carey, evidencia que a descrição que é narrada pelo metodista Wesley, seria uma resposta contrária a anulação escravista: “uma conspiração criada pelos traficantes de escravos, ansiosos para interromper uma peça de retórica abolicionista levada ao fundo de seu território”.⁵⁸ O próprio Wesley descreve, que para o mercado escravagista manter seus lucros: “os escravistas não teriam limites em defesa do seu negócio”.⁵⁹ Se as batalhas que serão travadas pela liberdade de escravos são conflitos que terão pela frente homens poderoso e de grande influência pública. A participação política no enfrentamento da causa, seria fundamental.

Os primeiros passos do abolicionismo dados por Wesley e o grupo de contestadores foi na utilização dos vários artigos produzidos que circularam grande parte da Inglaterra, gerando uma conscientização popular, característica do metodista Wesley de acordo com a afirmação

⁵⁴ RENDERS, 2019, p. 89.

⁵⁵ *Latim que significa “Seja certo ou errado”.*

⁵⁶ RENDERS, 2019, p. 53.

⁵⁷ RENDERS, 2019, p. 32.

⁵⁸ RENDERS, 2019, p. 32.

⁵⁹ RENDERS, 2019, p. 32.

de Albert Outler sobre seu jeito de fazer teologia, afirmando que ele era um: “teólogo popular”.⁶⁰ E já que conseguiram em grande parte trazer uma consciência crítica ao problema escravista, além disso já com frutos desta consciência na própria sociedade, o avanço na orquestração política é o próximo passo a ser dado e é quando impetram uma petição no parlamento escrita pelos Quarkes de Londres, com corpo institucional para sua apresentação da *sociedade a favor da abolição do tráfico de escravos em 1787*.⁶¹

O envolvimento na política para os contestadores do escravagismo, deve-se ao fato de perceberem a cumplicidade do estado e sua ineficiência em dizer basta ao mercado que representava pelo menos 36% da sua renda com o tráfico de escravos.⁶² Um claro e significativo exemplo da omissão do estado e de suas leis na punição do escravagismo, é o resultado do julgamento da causa do escravo Somerset, fugitivo da Virgínia, julgado pelo Lord Mansfield, que ao final do júri aplica uma condição branda ao dono do escravo, propondo-o: “libertar Somerset para não precisar formalizar uma sentença”,⁶³ o que segundo a afirmação de Renders: “John Wesley tinha consciência da atuação ambivalente de Mansfield que, por um lado aceitou o processo , mas, por outro lado, tentava não finalizá-lo mediante manobras táticas”,⁶⁴ ou seja, uma óbvia omissão no defrontamento escravista.

Mansfield era amigo pessoal de Wesley e do seu irmão Charles Wesley desde sua convivência no Christ Church, mas o metodista aparenta ter ficado completamente desapontado com atuação do amigo e sua branda maneira de fazer justiça:

A escravidão implica em uma obrigação de serviço perpétuo, uma obrigação que apenas o consentimento do senhor de escravos pode dissolver. Em alguns países, nem o próprio dono pode anulá-la sem o consentimento dos juízes nomeados por lei. Ela geralmente dá ao dono de escravo um poder arbitrário de aplicar qualquer tipo de correção não afetando a vida ou a [perda de um] membro [da pessoa]. Às vezes, mesmo este expostos à sua vontade e apenas protegidos por uma multa muito insignificante alguma punição leve [...] ela permite ao dono alienar o escravo, da mesma maneira como as vacas e os cavalos.⁶⁵

Mc Connel escreveu sobre a realidade da escravidão e o mercado lucrativo que ele rentava, dizendo: “Aqueles que queriam o açúcar, bem como aqueles que se enriqueciam com o tráfico representavam a escravatura como uma empresa humanitária”,⁶⁶ e por esses

⁶⁰ OUTLER, 1977 apud RIEGER, 2015, p. 23.

⁶¹ RIEGER, 2019, p. 36.

⁶² RENDERS, 2019, p. 37.

⁶³ BLUMROSEN, 2005 apud RENDERS, 2019, p. 73.

⁶⁴ RENDERS, 2019, p. 73.

⁶⁵ RENDERS, 2019, p. 73 -74.

⁶⁶ MC CONNEL, 1942 apud REILY, Duncan A. *A influência do metodismo na reforma social na Inglaterra no século XVII*. Junta Geral de ação social da Igreja Metodista do Brasil, 1953, p. 16. Disponível em:

representantes que enriqueciam as custas da servidão, o escravagismo justificava-se legalmente respaldado pela lei, que é contestada com ferrenhas críticas por Wesley, dizendo: “A grande afirmação é: “Eles são autorizados pela lei”. Mas, pode o direito humano mudar a natureza das coisas? [...] e nem o obstante 10.000 leis, porque certo continua certo, e errado é ainda errado”.⁶⁷

São duras críticas feitas por Wesley acerca de uma prática que violava o direito natural do ser humano, ou seja, sua liberdade. Ele então defende a liberdade como uma lei natural irrevogável, afirmando: “não existe autorização da escravidão pela lei, por ser incoerente com a justiça natural. [...] pertence ao ser humano somente o estado da liberdade” e complementa a falta de coerência da *lei* com a argumentação do jurista Willian Blackstone nos seus *Comentários sobre as leis da Inglaterra*: “...as três origens do direito de escravidão atribuídas ao Justiniano são todas construídas sobre bases falsas”.⁶⁸ O argumento do jurista Blackstone, serviu como base para desconstruir a *legalidade* que validava o escravismo. A lei natural que Wesley defende, vem a partir dos autores franceses: “Charles-Louis de Secondat (Montesquieu), cujas obras antecederam as obras legais inglesas, ”⁶⁹ ela fala da liberdade que cada ser humano tem e que lhe era arrancada por amarras e cativeiros dos quais os escravos eram submetidos.

3.3. O APELO DE WESLEY

Wesley planeja de todas formas, lançando mão de diferentes recursos e métodos com cartas, jornais, política, argumentos jurídicos e várias outras ferramentas na luta contra a abolição da escravatura, mas Carey identifica uma estratégia diferente daquelas ferrenhas que tinham sido empregadas até então. Wesley usa uma estratégia literária em alta na sua época, chamada por Carey de *gênero literário da sensibilidade*. Segundo ele: “O sentido principal do uso desse gênero era construir um envolvimento pessoal para com um tema[...]”⁷⁰ e o tema da escravidão, até então tratada sempre de maneira fria ora por leis, ora por duras críticas, ganha um tom de sensibilidade visando tocar os corações dos que leriam.

http://www.metodistavilaisabel.org.br/docs/A_influencia_do_metodismo_na_reforma_da_Inglaterra.pdf>.

Acesso e: 16 out. 2019.

⁶⁷ RENDERS, 2019, p. 74.

⁶⁸ RENDERS, 2019, p. 75.

⁶⁹ RENDERS, 2019, p. 76.

⁷⁰ CAREY, 2003 apud RENDERS, 2019, p. 78.

O apelo aos sentimentos adotado pelo metodista, interessava-se em construir uma relação de aproximação afetiva das pessoas, invocar a empatia delas e conseqüentemente fazê-las sentir chocadas por uma prática que degradava outro ser humano, como ele escreve:

Você é um homem? Então você deve ter um coração humano. Mas você realmente? De que é feito o seu coração? Será que não se encontra nele um princípio como o da compaixão? Você nunca sente a dor do outro? Você não tem simpatia por ninguém? Nenhuma percepção da dor humana? Nenhuma pena do miserável? [...] Quando você apertou as criaturas agonizantes para entrar nos fundos do navio, ou quando você jogou seus pobres restos destroçados no mar, você não se compadeceu? Não houve uma só lágrima em seu olho, não escapou nenhum suspiro do seu peito? ⁷¹

As provocações feitas por Wesley em seu texto, buscavam envolver seus leitores diretamente com a causa, mobilizando-os sentimentalmente ao sofrimento alheio, que parecia estar tão desprezado. A simpatia da qual buscava despertar, contrariava os princípios dos quais os negros escravos eram expostos, condicionados desde a captura em suas terras, vendidos e transportados feitos animais. Já no lema da *Sociedade a favor a abolição do tráfico de escravos*, a busca pelo sentimento igualitário e livre de preconceitos era vista desde a frase que destacava o lema: “Não sou seu irmão e um ser humano?” ⁷²

3.4.OS PENSAMENTOS DE WESLEY SOBRE A ESCRAVIDÃO

Os pensamentos de Wesley sobre a escravidão, sempre serviram de bússola na orientação dos passos dados na luta abolicionista. Renders, dividiu os blocos em um esquema: “Ela é composta por cinco capítulos, dos quais o primeiro (“I”) e o último (“V”) representam uma moldura para os capítulos II, III e IV”. ⁷³ Em cada parte dos cinco blocos dos pensamentos de Wesley, ele aborda assuntos específicos sobre a escravidão, que vão desde a definição passando por seus métodos e enfim, conclui com um chamado de convertimento aos capitães do mato e aos comerciantes que se abasteciam deste mercado. Nos pensamentos de Wesley sobre a escravatura, fica evidente o quanto as suas marcas são cruéis e quão terríveis são os seus adeptos.

Ao definir a escravização, Wesley conclui que: “escravidão implica uma obrigação de serviço perpétuo, uma obrigação que apenas o consentimento do dono pode dissolver”. ⁷⁴

⁷¹ WESLEY, 1774 apud RENDERS, 2019, p. 79.

⁷² RENDERS, 2019, p. 88.

⁷³ RENDERS, 2019, p. 61.

⁷⁴ RENDERS, 2019, p. 91.

Resumindo de uma forma direta, este pequeno trecho das definições que encontramos nos pensamentos de Wesley sobre o escravismo, fica evidente que a prática remete pessoas a *objetos*, cuja as habilidades estão nas mãos de seus *donos*, que quando entenderem não haver mais nenhuma utilidade, que os serviços prestados não são mais relevantes por doença e até por morte, descartam-no fora.

Os exilados provenientes de suas pátrias, regiões que foram descritas por Michael Adanson como sendo um lugar de terras férteis e produtivas, foram deslocados para países estrangeiros e impostos ao trabalho escravo, depois de enganados e vendidos pelos seus próprios conterrâneos e em alguns casos, por seus reis.⁷⁵ Foram arrebatados bruscamente de localidades produtíveis, para sobreviverem de “migalhas dos seus senhores”.⁷⁶

Mediante os poucos escravos que sobreviviam chegavam ao mercado para serem leiloados, também são parte dos pensamentos de Wesley a respeito da escravidão. Nos seus pensamentos, ele aponta que os capitães de navios usavam de intermédios enganosos para roubarem literalmente a liberdade das pessoas: “Capitães de navios de tempos em tempos convidam negros para vir a bordo da nau e então os levavam embora”. E como se fosse o bastante, existem cristãos envolvidos na captura de crianças e mulheres: “Os cristãos, ao aportarem em suas terras, capturam o máximo possível: homens, mulheres e crianças e logo os transportam para a América”.⁷⁷

Os pensamentos de Wesley sobre a escravidão, remontam um cenário de carnificina, de privação da liberdade, degradação do ser humano, além de descrever todas essas terríveis denúncias, ele conclui seu pensamento em uma espécie de chamado ao arrependimento. Talvez nesta última parte, percebe-se uma figura mais *poimênica* de Wesley, que ainda acredita em uma transformação aos mercenários escravistas: “Qual recompensa será dada a ti? Oh, pensa enquanto há tempo! Antes que sejas jogado à eternidade! Pensa agora. Ele haverá de julgar sem misericórdia aos que não mostraram misericórdia”.⁷⁸ O chamado para uma reflexão as práticas que estavam cometendo, ressurgiu a imagem de um pastor preocupado com a causa abolicionista, mas ainda assim, sem descartar os que praticavam tal atrocidade.

CONCLUSÃO

⁷⁵ RENDERS, 2019, p. 103.

⁷⁶ *Expressão bíblica do Evangelho de Mateus 15,27.*

⁷⁷ RENDERS, 2019, p. 109.

⁷⁸ RENDERS, 2019, p. 147.

O historiador E. P. Thompson identifica, que o metodismo “é uma religião para os pobres” e não “dos pobres”.⁷⁹ E certamente, o metodismo foi uma igreja de luta pelos pobres.

Sua participação em causas como a educação, busca dos direitos para os operários e carvoeiros, sua eficaz e enérgica participação no abolicionismo, demonstram um metodismo voltado aos pobres de riquezas financeiras ou mesmo de sua própria liberdade.

Os esforços do metodista João Wesley e da *sociedade a favor da abolição do tráfico de escravos*, alcançou depois de muitos conflitos, acareações e resistência dos poderosos que obtinham seus lucros através deste terrível mercado, resultando com a promulgação da lei que pôs fim a *possessões e tráfico de escravos* em 1807, efetivada em 1º de março de 1808 e por fim sua aniquilação total com a *Lei da Emancipação* em 1833, projeto de lei Wilberforce aprovado um mês após sua morte.⁸⁰

Ao povo metodista contemporâneo, que o legado de lutas sociais e de inconformismo com as mazelas do século XVIII confrontadas pelo metodismo primitivo, ensine a superar as omissões e falta de comprometimento do bem comum. Que busquem de Wesley e sua história, inspiração para mudar a história.

⁷⁹ THOMPSON, 1966 apud RIEGER 2012, p. 73.

⁸⁰ REILY, 1953, p. 18 – 19.

REFERÊNCIAS

DONATO, Ronald Gripp. *Susana Wesley e sua influência na vida de John Wesley*. Muriaé – MG: O autor, 2012.

ENSLEY, Francis Gerald. *João Wesley, o evangelista*. Tradução de Osvaldo Ramos. São Paulo: Imprensa Metodista, 1992.

LILIÈVRE, Mateo. *João Wesley: sua vida e obra*. São Paulo: Vida, 1997.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Teologia Social do Metodismo Brasileiro: Análise dos Pressupostos Históricos e Teológicos do Documento do Credo Social*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/19661/19661_1.PDF>. Acesso em: 27 ago. 2019.

REILY, Duncan Alexander. *O fundador do metodismo*. Imprensa Metodista, 2013.

Disponível em: <http://www.metodista.org.br/john-wesley>

Acesso em: 27 de agosto de 2019

_____. *A influência do metodismo na reforma social na Inglaterra no século XVII*. Junta Geral de ação social da Igreja Metodista do Brasil, 1953, p. 16. Disponível em: <http://www.metodistavilaisabel.org.br/docs/A_influencia_do_metodismo_na_reforma_d_a_Inglaterra.pdf>. Acesso em: 16 out. 2019.

RENDERS, Helmut. *John Wesley e a luta abolicionista: com edição bilíngue dos seus pensamentos sobre escravidão*. 1. ed. São Paulo: Aste, 2019.

RIEGER, Joerg. *Graça sob pressão: negociando o coração das tradições metodistas*. Tradução de Felipe Maia. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012.

_____. *Graça Libertadora: como o metodismo pode se envolver no século vinte e um*. Tradução de Elizangela A. Soares. São Bernardo do Campo: Editeo, 2015.

“WESLEY, John. *O diário de John Wesley*. São Bernardo: Editeo, 2017.